

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** direção musical

**23 set 2023 · 18:00 Sala Suggia**

VISTA DO ESPAÇO A TERRA ERA AZUL



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Abra o código QR e assista à entrevista ao maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

### **Alan Hovhaness**

*And God Created Great Whales*, para orquestra e eletrónica (1970; c.12min)\*

### **Joseph Haydn**

Sinfonia n.º 59, em Lá maior, “O Fogo” (1768; c.22min)

1. Presto
2. Andante o più tosto Allegretto
3. Menuetto e Trio
4. Allegro assai

2ª PARTE

### **Harrison Birtwistle**

*Earth Dances*, para orquestra (1985-86; c.40min)

\*Estreia em Portugal.

## Alan Hovhaness

SOMERVILLE (EUA), 1911 | SEATTLE, 2000

### *And God Created Great Whales*

A característica mais saliente de *And God Created Great Whales* é certamente o facto de nesta peça se juntarem, aos sons convencionais da orquestra, sons naturais pré-gravados, difundidos na sala de concerto através de altifalantes. À data de composição da obra, em 1970, isso não constituía uma novidade absoluta: já em 1924 o compositor italiano Ottorino Respighi havia incorporado uma gravação de um rouxinol na sua peça orquestral *Os pinheiros de Roma*, difundindo-a através de um fonógrafo amplificado. Eram novos, contudo, os sons pré-gravados que o compositor norte-americano Alan Hovhaness incorporou, em 1970, na obra orquestral que hoje ouvimos: sons de baleias, gravados debaixo de água ao largo da costa das Bermudas, pelo engenheiro militar Frank Watlington e pelos biólogos Roger Payne e Scott McVay.

A composição da obra não foi ideia de Hovhaness: foi o maestro Andre Kostelanetz que lha encomendou para a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, pedindo-lhe que utilizasse as referidas gravações de sons de baleias. Estas últimas não eram ainda conhecidas do grande público à data de estreia da obra, a 11 de Junho de 1970, em Nova Iorque. Só em Agosto desse ano é que Roger Payne lançou um álbum, intitulado *Songs of the Humpback Whale*, que reunia um conjunto dessas gravações, incluindo as que foram usadas por Hovhaness. Esse álbum tornou-se um inesperado sucesso, vendendo rapidamente mais de 125.000 cópias, algo inédito para um disco de sons ambientais. O impacto destas gravações aumentaria em 1979, quando a National

Geographic distribuiu 10,5 milhões de cópias de um disco que incluía excertos do álbum de 1970. As gravações de Payne viriam a ser usadas em vários marcos da cultura popular, incluindo uma canção de Kate Bush (“Moving”, de 1978) e o filme *Star Trek: The Voyage Home* (1986).

Todos estes acontecimentos não surgiram de forma isolada, mas fizeram parte de um importante movimento ambientalista que começou a despontar ao longo da década de 1960. Face às consequências da crescente poluição atmosférica, associada ao rápido crescimento das cidades e à expansão do trânsito automóvel, e ao temor de que a guerra nuclear entre as superpotências levasse à extinção da Humanidade, muitos começaram a questionar um paradigma político e económico que se arriscava a destruir o planeta. Nesse contexto, em que movimentos ambientalistas emergentes clamavam por uma relação mais equilibrada do Homem com a Natureza, as baleias tornaram-se um tópico central de discussão. Ao mesmo tempo que crescia, naquela década, a noção de que tanto baleias como golfinhos eram criaturas dotadas de especial inteligência, eram cada vez mais os que condenavam a prática até então generalizada — e muito violenta — de caça às baleias. As gravações de Payne tiveram, até, um papel directo neste movimento. Quando Scott McVay foi chamado ao Comité de Relações Exteriores da Câmara dos Estados Unidos, no início da década de 1970, para falar de medidas de conservação das baleias, pôs a tocar partes do disco para os congressistas ouvirem. Os sons musicais reforçavam a noção de que se tratava de criaturas sencientes e inteligentes, ao mesmo tempo que a semelhança desses sons com choros ou gemidos os tornava um símbolo das consequências nocivas da intervenção humana sobre a Natureza.

## Joseph Haydn

ROHRAU (ÁUSTRIA), 1732 | VIENA, 1809

### Sinfonia n.º 59, em Lá maior, “O Fogo”

A Sinfonia n.º 59 de Haydn começa com um motivo impetuoso de notas repetidas nos violinos, sobre um acompanhamento igualmente enérgico das restantes cordas e oboés. É uma música extremamente agitada e dramática. Será a representação do fogo a que alude o título da obra?

Num certo sentido, a resposta a esta pergunta terá de ser um categórico *não*. Se são ainda incertas as circunstâncias exactas que levaram tal título a ser associado a esta sinfonia, numa coisa estão os musicólogos de acordo: não foi o compositor quem fez essa associação. Uma das teorias é que a música desta sinfonia de Haydn foi usada na produção de uma peça teatral intitulada *Die Feuerbrunst*, que se traduz por *O Incêndio* (ou *A Conflagração*). A peça teve a sua primeira apresentação em 1774 no Palácio Esterházy, mandado construir na década de 1760 pelo príncipe Nicolau. Haydn trabalhou várias décadas para a família Esterházy, começando no ano de 1761, mas sabemos — pelo manuscrito da partitura — que a sinfonia que hoje ouvimos foi completada ainda antes de 1769. Não há hipótese, portanto, de que tenha sido composta para acompanhar a produção de *Die Feuerbrunst*.

A reciclagem de música pré-existente para acompanhar peças de teatro era, na verdade, uma prática corrente na época. Era particularmente comum na corte dos Esterházy, visto que o príncipe Nicolau tinha um grande interesse pelo teatro e promovia apresentações quase diárias, sobretudo a partir de 1769, em que passou a dispor de uma companhia residente. Ora, essas apresentações precisavam

Hovhaness tinha perfeita noção dessas lutas. Numa entrevista publicada em 1971, na revista *Ararat*, face à observação da entrevistadora de que *And God Created Great Whales* fazia parte do movimento ecológico, confirmou a ideia, dizendo que “é muito importante que paremos de arruinar a Terra: por nós próprios e por tudo o resto na Natureza”. Acrescentava que “vivemos num período muito perigoso, em que corremos o risco de nos destruímos a nós próprios. (...) Há uma grande rebelião entre os jovens e eu concordo com eles. (...) Temos de fazer algo construtivo a este respeito”.

Sobre a música propriamente dita, o compositor deixou-nos algumas pistas. Descreveu, por exemplo, o início da peça, em que ouvimos uma textura complexa, sem ritmo definido, nas cordas, como uma sugestão das ondas do mar sob um vasto céu. Já a secção seguinte, com um tema majestoso nos metais, é por ele descrita como uma representação das imensas montanhas no fundo do mar. Assim sugere o ambiente marítimo em que os sons das baleias emergem mais à frente “como um pássaro marítimo gigante e mítico. O Homem ainda não existe, não tendo ainda nascido na solene unidade da Natureza”.

de música: normalmente uma abertura, quatro entreactos (entre cada um dos cinco actos em que uma peça clássica se divide) e um *finale*. (É sabido que, pelo contrário, a Sinfonia n.º 60 de Haydn, composta em 1774, se baseia na música de ocasião que escreveu para acompanhar a peça teatral *Der Zerstreute*.)

No decorrer dos longos anos em que permaneceu na corte dos Esterházy, Haydn pôde certamente acompanhar muitas destas produções teatrais. Alguns musicólogos defendem que isso teve um impacto na música que escreveu, mesmo quando não era originalmente para teatro. Segundo essa perspectiva, a sua obra tornou-se gradualmente mais teatral, como se as sinfonias fossem uma espécie de óperas instrumentais, evocando personagens e acções dramáticas. Se voltarmos ao início da Sinfonia n.º 59, notamos que não temos apenas a ideia musical agitada e vigorosa: ela é logo de imediato sucedida por uma passagem suave e misteriosa, inteiramente contrastante com a anterior. Esse contraste entre duas personagens musicais continua a ser explorado ao longo do andamento. Talvez uns possam ouvir o fogo, outros uma multidão barulhenta, outros uma festa, cada um desses eventos em contraste com algo mais silencioso e intimista. Em qualquer caso, há manifestamente uma qualidade dramática na música, ainda que mais abstracta do que a que veríamos numa representação teatral.

Como é típico das sinfonias no período clássico, é no primeiro andamento que se concentram os eventos musicais mais intensos. O segundo, por contraste, é bastante lírico. No seu carácter muito *cantabile*, poderá evocar uma ária de ópera, assim como o primeiro evocaria uma abertura. No terceiro andamento, destaca-se a secção central (o “Trio”), de carácter muito expressivo, em contraste com o “Minueto” mais

descontraído que o abre e fecha. Já o último andamento remete para um outro espaço da Natureza: a caça, pintada musicalmente através das trompas que o iniciam e que regressam em vários pontos importantes.

DANIEL MOREIRA, 2023\*

## Harrison Birtwistle

ACCRINGTON (LANCASHIRE), 1934 | MERE, 2022

### *Earth Dances*

*“É como se tivéssemos regressado às profundezas da terra, de onde originalmente viemos. Esta é uma experiência mística, de força primordial, que nos põe em contacto tanto com a natureza como com sentimentos inconscientes que se encontram no mais fundo de nós.”*

Assim descreve Jonathan Cross o final de *Earth Dances* — a obra de Harrison Birtwistle que hoje ouvimos. Na verdade, esse carácter telúrico e primitivo manifesta-se logo desde o arranque da peça: uma verdadeira explosão de energia no registo mais grave da orquestra, com a participação de contrabaixos, contrafagotes, tubas, tam-tams, bombos e trombones. Aos poucos, a música torna-se mais complexa, juntando-se outros elementos, mais rítmicos (a tal dança da terra), não só na percussão como também nos sopros. Alguns minutos depois, surge um elemento mais lírico, quase melancólico: uma melodia expressiva, lenta, de ritmo fluído, ouvida quase sempre nas cordas (amiúde dobradas por sopros). Esses diferentes elementos — e outros ainda — vão-se sobrepondo, em diferentes combinações, à medida que a peça se desenrola. O próprio Birtwistle fala de cada um deles como uma espécie de estrato geológico,

resultando a tal “dança da terra” da colisão entre os diferentes estratos.

O carácter telúrico e primitivo desta obra tem também levado muitos críticos a aproximá-la da *Sagração da Primavera*, de Stravinski (obra de 1913). Logo após a estreia, em 1986, Nicholas Neyton observava que *Earth Dances* começava com “um estrondo primevo, como um eco distante da *Sagração da Primavera*”, e como, no seu todo, a obra constituía uma “*Sagração da Primavera* — desolada e perturbadora — para a nossa década”. E poderíamos dizer que, tal como a *Sagração*, também *Earth Dances* soa a algo simultaneamente muito moderno e muito antigo — um sentido muito comum, de resto, na música de Birtwistle, como se vê no seu tão frequente recurso a mitos da Antiguidade Grega (como o de Orfeu, na ópera *The Mask of Orpheus*, de 1986; o de Teseu, em *Theseus Game*, de 2003; ou o do Minotauro, na ópera *The Minotaur*, de 2008).

A estrutura formal de *Earth Dances* revela também um aspecto característico da música de Birtwistle: embora a obra seja assumidamente dramática (e até, a espaços, violenta), não é propriamente narrativa. Em vez de seguir um percurso linear, com princípio, meio e fim, sugere uma temporalidade labiríntica, não direccionada, em que nunca é muito previsível o que vai acontecer depois, e em que nunca se encontra um ponto de completa estabilidade. Numa nota de programa, Birtwistle explicava que, ao compor a peça, imaginou-se como “um viajante que se movimenta de um lado para o outro numa grande cidade, vendo pontos de referência familiares em diferentes contextos e perspectivas, e gradualmente construindo uma ideia da cidade como um todo, embora nunca possa apreender o mapa inteiro numa única visão” — a cidade, enfim, como uma espécie de labirinto.

DANIEL MOREIRA, 2017\*

---

\* O autor optou pela não aplicação do Acordo Ortográfico de 1990.

## Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 levou-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada anterior, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura, e regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

## Orquestra Sinfónica

### Violino I

Evgeny Makhtin  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Maria Kagan  
José Despujols  
Andras Burai  
Evandra Gonçalves  
Vladimir Grinman  
Vadim Feldblioum  
Emília Vanguelova  
Ianina Khmelik  
Alan Guimarães  
Roumiana Badeva  
Catarina Resende\*  
Matilda Mensink\*  
Raquel Santos\*

### Violino II

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Catarina Martins  
José Paulo Jesus  
Lilit Davtyan  
Karolina Andrzejczak  
Domingos Lopes  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
Mariana Costa  
Mariana Cabral\*  
João Sá\*

### Viola

Mateusz Stasto  
Pedro Meireles  
Luís Norberto Silva  
Jean-Loup Lecomte  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Hazel Veitch  
Rita Costa\*  
Teresa Fleming\*

### Violoncelo

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Aaron Choi  
Bruno Cardoso  
Michal Kiska  
Hrant Yeranosyan  
João Cunha  
Jari Piper\*  
Miguel Braz\*

### Contrabaixo

Rui Rodrigues  
Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzew  
Pedro Carvalho\*  
Raúl Represas\*

### Flauta

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

### Oboé

Aldo Salvetti  
Tamás Bartók  
Roberto Henriques

### Clarinete

Carlos Alves  
Gergely Suto  
João Moreira

### Fagote

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Cândida Nunes  
Vasily Suprunov

### Trompa

Nuno Vaz  
Eddy Tauber  
Hugo Sousa\*  
Bruno Rafael\*  
Olívia Moreira\*

### Trompete

Sérgio Pacheco  
Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito

### Trombone

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Vicente Cascales\*  
Nuno Martins

### Tuba

Sérgio Carolino  
Daniel Perantoni\*

### Tímpanos

Jean-François Lézé

### Percussão

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
Sandro Andrade\*  
Henrique Ramos\*

### Harpa

Iliaria Vivan  
Ana Paula Miranda\*

### Piano/Cravo

Vitor Pinho\*

\*instrumentistas convidados

## Operação técnica

### Iluminação

Virgínia Esteves

### Palco

Alfredo Braga  
Rui Brito  
Victor Resende

### Som

António Cardoso

## Próximos concertos

24 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Barroca Casa da Música**

**Laurence Cummings** cravo, órgão e direção musical

Obras de **Jean-Féry Rebel, Georg Friedrich Händel**

e **Georg Philipp Telemann**

30 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

### **Prémio Novos Talentos AGEAS**

**Rafael Pacheco** guitarra portuguesa

**Maura Airez** voz

**Francisco Berény Domingues** guitarra

01 DOMINGO 21:00 SALA 2

### **Márcia**

02 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

### **Asaf Avidan**

promotor: House of Fun

03 TERÇA 19:30 SALA 2

### **Duo Sirius**

Obras de **João Caldas, Ronald Stevenson**

e **Johann Sebastian Bach**

04 QUARTA 19:30 SALA SUGGIA

### **Remix Ensemble Casa da Música**

**Peter Rundel** direção musical

**Matthias Goerne** barítono

Obras de **Brice Pauset e Jörg Widmann**

07 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Nuno Coelho** direção musical

**Martim Barbosa** clarinete

Obras de **João Caldas, Magnus Lindberg**

e **Béla Bartók**

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

